

SÉTIMA CATEQUESE  
**A CULTURA DA ALEGRIA**

**“QUANDO O VIRAM, FICARAM ADMIRADOS” (LC 2,48)**

*Virgem e Mãe Maria,  
Vós que, movida pelo Espírito,  
acolhestes o Verbo da vida  
na profundidade da vossa fé humilde,  
totalmente entregue ao Eterno,  
ajudai-nos a dizer o nosso «sim»  
perante a urgência, mais imperiosa do que nunca,  
de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus.  
Vós, cheia da presença de Cristo,  
levastes a alegria a João o Batista,  
fazendo-o exultar no seio de sua mãe.  
Vós, estremecendo de alegria,  
cantastes as maravilhas do Senhor.  
Vós, que permanestes firme diante da Cruz  
com uma fé inabalável,  
e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição,  
reunistes os discípulos à espera do Espírito  
para que nascesse a Igreja evangelizadora.  
Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados  
para levar a todos o Evangelho da vida  
que vence a morte.  
Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos  
para que chegue a todos  
o dom da beleza que não se apaga.  
Vós, Virgem da escuta e da contemplação,  
Mãe do amor, esposa das núpcias eternas  
intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone puríssimo,  
para que ela nunca se feche nem se detenha  
na sua paixão por instaurar o Reino.  
Estrela da nova evangelização,  
ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão,  
do serviço, da fé ardente e generosa,  
da justiça e do amor aos pobres,  
para que a alegria do Evangelho*

*chegue até aos confins da terra  
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.*

*Mãe do Evangelho vivente,  
manancial de alegria para os pequeninos,  
rogai por nós.*

*Amém. Aleluia!*

*(Papa Francisco, Evangelium gaudium 24 de novembro de 2013)*

A alegria é muitas vezes entendida como a coroação dos próprios desejos, dos próprios projetos, do que está mais próximo do coração, como se já fosse óbvio saber o que realmente dá felicidade à existência humana. A cultura atual com o poder da mídia de massa é capaz de inculcar na mente e no coração de toda a humanidade um modelo de alegria que parece ser válido para todo ser humano de qualquer país, tradição e etnia. Um exemplo disso é o telefone celular: hoje não há uma pessoa que não o possua; aqueles que ainda não o têm estão todos tensos no desejo de tê-lo o mais rápido possível. Em outras palavras, de uma maneira bastante sutil, mas muito eficaz, propõe-se um modelo de homem que, se quiser ser alegre e integrado nas relações sociais, não pode se livrar desse dispositivo tecnológico. Mas é verdade que o homem sabe bem o que o faz realmente feliz? É possível que, para ter felicidade, é preciso lutar e lutar para alcançar um modelo de vida que, no final, apenas alguns no mundo conseguem obter? Mais uma vez, o ícone do Evangelho escolhido como referência para essas catequeses oferece luz para direcionar o caminho para a verdadeira alegria. A primeira reação emotiva que o Evangelista Lucas conta de Maria e José, quando eles encontram Jesus sentado no templo a discutir com os mestres, é de espanto e não de angústia ou raiva ou outros sentimentos negativos, que também são justificáveis por terem sentido o medo de perdê-Lo. Aquele Menino que Maria manteve no seu ventre por nove meses e a quem José trouxe para o Egito para salvá-lo das mãos do Rei Herodes, agora realiza, ao parecer deles, algo de inesperado e surpreendente. A profunda maravilha que tiveram infunde em seus corações uma alegria que não é fácil de descrever, talvez possa dar uma ideia de que quando você experimenta na vida um dom de algo que vai além de suas próprias expectativas e desejos. A alegria, a verdadeira alegria, é sempre inesperada, surpreende e amplia o coração para horizontes infinitos. Em vez disso, a alegria, o desejado e procurado, uma vez alcançado, fecha o coração humano dentro dos limites de seus próprios

desejos e empurra novamente para outras aspirações insatisfatórias. Alegra-se realmente não aqueles que alcançam a alegria projetada, mas aqueles que alcançaram a alegria nunca pensada. Não é coincidência que a primeira palavra, a saudação do arcanjo Gabriel a Maria no momento da anunciação, traduzida por muito tempo com “Ave” ou “Salve”, é no entanto “Alegra-te”. A jovem prometida a esposa de Nazaré, com a intenção de realizar o seu sonho de amor com José, anunciou algo inimaginável, que muda radicalmente seus planos, mas o anjo imediatamente lhe diz que esse anúncio é uma fonte de grande alegria para ela. A alegria autêntica sempre perturba os próprios projetos para projetar além das angustiantes aspirações humanas. Esta é uma das razões fundamentais pelas quais muitas vezes olhamos a mensagem cristã com grande suspeita, como se fosse um inimigo da felicidade humana. *«é uma convicção da Igreja, que muitas vezes foi rejeitada pelo mundo como se fosse inimiga da felicidade humana. Bento XVI registra esta crítica com muita clareza: “Com os seus mandamentos e proibições, a Igreja não nos torna porventura amarga a coisa mais bela da vida? Porventura não assinala ela proibições precisamente onde a alegria, preparada para nós pelo Criador, nos oferece uma felicidade que nos faz pressentir algo do Divino?” Mas ele responde que, embora não tenham faltado exageros ou ascetismos extraviados no cristianismo, a doutrina oficial da Igreja, fiel à Sagrada Escritura, não rejeitou “o eros enquanto tal, mas declarou guerra à sua subversão devastadora, porque a falsa divinização do eros (...) priva-o da sua dignidade, desumaniza-o”»* (Al 147). Deus não é de todo um inimigo da alegria do homem, pelo contrário, ele deseja ainda mais do que a criatura humana dar-lhe uma alegria abundante, que diz respeito a cada elemento de sua humanidade, mesmo o elemento muitas vezes considerado enganador pela verdadeira alegria, a erótica. O verdadeiro inimigo do prazer sexual, como comumente se pensa, não é de todo Deus, nem o Evangelho ou a Igreja. É o próprio homem que, com a sua fraqueza causada pelo pecado original, desumaniza o belo e o maravilhoso que o Criador lhe deu. Para se orientar para a verdadeira alegria, também deve começar do próprio corpo e da linguagem inscrita nele. Em *Amoris laetitia* Papa Francisco dá a todos indicações muito concretas e proféticas: *«É necessária a educação da emotividade e do instinto e, para isso, às vezes torna-se indispensável impormo-nos algum limite. O excesso, o descontrole, a obsessão por um único tipo de prazeres acabam por debilitar e combalir o próprio prazer, e prejudicam a vida da família. Na verdade, pode-se fazer um belo caminho com as paixões, o que significa orientá-las cada vez mais num*

*projeto de auto doação e plena realização própria que enriquece as relações interpessoais no seio da família. Isto não implica renunciar a momentos de intenso prazer, mas assumi-los de certo modo entrelaçados com outros momentos de dedicação generosa, espera paciente, inevitável fadiga, esforço por um ideal. A vida em família é tudo isto e merece ser vivida inteiramente» (Al 148). A principal tarefa da Igreja é então anunciar precisamente o *Evangelii gaudium* (Título da primeira exortação apostólica do Papa), porque apenas o Evangelho revela a verdadeira alegria e educa o coração do homem a mesma alegria. «*Deus ama a alegria do ser humano, pois Ele criou tudo “para nosso usufruto” (1 Tim 6, 17). Deixemos brotar a alegria à vista da sua ternura, quando nos propõe: “Meu filho, se tens com quê, trata-te bem. (...) Não te prives da felicidade presente” (Sir 14, 11.14). Também um casal de esposos corresponde à vontade de Deus, quando segue este convite bíblico: “No dia da felicidade, sê alegre” (Qo 7, 14)» (Al 149). Se o Evangelho revela alegria ao homem, a família é o berço original. Como todo matrimônio nasce do grande desejo dos jovens esposos de encontrar a plenitude da alegria, então falham principalmente porque tal desejo não se satisfaz. Paradoxalmente, todos buscam alegria no matrimônio, todos se prometem, com convicção, alegria no matrimônio, mas muitos com grande facilidade se encontram à deriva com o naufrágio de seu pacto conjugal. Por que essas falhas matrimoniais são, cada vez mais frequentes? E pode-se dizer que um matrimônio se realiza apenas porque os cônjuges foram fiéis até o fim, mesmo que eles não tenham vivido sua relação conjugal na alegria do amor? Em outras palavras, no matrimônio não basta a fidelidade conjugal para viver a sua plenitude ou é especialmente essencial que haja uma fidelidade muito mais profunda e mais radical que dê gosto e sabor à vida conjugal? Certamente, hoje, o número de separações e divórcios cresceu de forma exageradamente exponencial em comparação com algumas décadas atrás, mas é dito que os casamentos do passado, porque duraram “até que a morte não nos separe”, todos foram bem-sucedidos. Talvez tenha sido tão espiritualizado e moralizado o pacto matrimonial a obscurecer um elemento essencial que está na sua origem. «*No matrimônio, convém cuidar a alegria do amor. Quando a busca do prazer é obsessiva, encerra-nos numa coisa só e não permite encontrar outros tipos de satisfações. Pelo contrário, a alegria expande a capacidade de desfrutar e permite-nos encontrar prazeres realidades variadas, mesmo nas fases da vida em que o prazer se apaga. Por isso, dizia São Tomás que se usa a palavra “alegria” para se referir à dilatação da amplitude do coração. A alegria***

*matrimonial, que se pode viver mesmo no meio do sofrimento, implica aceitar que o matrimónio é uma combinação necessária de alegrias e fadigas, de tensões e repouso, de sofrimentos e libertações, de satisfações e buscas, de aborrecimentos e prazeres, sempre no caminho da amizade que impele os esposos a cuidarem um do outro: “prestam-se recíproca ajuda e serviço”» (Al 126). Como, então, cuidar e nutrir a alegria do amor no longo e muitas vezes monótono e insidioso fluxo da vida conjugal? O mero compromisso dos dois cônjuges é suficiente? Sua vontade e seu esforço são suficientes para reviver a alegria em seu relacionamento amoroso? Estes são os erros frequentes que os casais cometem ao degenerar seu relacionamento em condições dramáticas e às vezes paradoxais. Não é uma questão de vontade, mas de “espiritualidade da beleza” que permite ao cônjuge de acolher e apreciar «o “valor sublime” que tem o outro. A beleza – o “valor sublime” do outro, que não coincide com os seus atrativos físicos ou psicológicos – permite-nos saborear o carácter sagrado da pessoa, sem a imperiosa necessidade de a possuir. Na sociedade de consumo, o sentido estético empobrece-se e, assim, se apaga a alegria. Tudo se destina a ser comprado, possuído ou consumido, incluindo as pessoas. Ao contrário, a ternura é uma manifestação deste amor que se liberta do desejo da posse egoísta. Leva-nos a vibrar à vista duma pessoa, com imenso respeito e um certo receio de lhe causar dano ou tirar a sua liberdade. O amor pelo outro implica este gosto de contemplar e apreciar o que é belo e sagrado do seu ser pessoal, que existe para além das minhas necessidades. Isto permite-me procurar o seu bem, mesmo quando sei que não pode ser meu ou quando se tornou fisicamente desagradável, agressivo ou chato. Por isso, “do amor pelo qual uma pessoa me é agradável, depende que lhe dê algo de graça”. A experiência estética do amor exprime-se naquele olhar que contempla o outro como fim em si mesmo, ainda que esteja doente, velho ou privado de atrativos sensíveis. O olhar que aprecia tem uma enorme importância e, recusá-lo, habitualmente faz dano. Às vezes, quantas coisas fazem os cônjuges e os filhos para ser considerados e tidos em conta! Muitas feridas e crises têm a sua origem no momento em que deixamos de nos contemplar. Isto é o que exprimem algumas queixas e reclamações, que se ouvem nas famílias: “O meu marido não me olha, para ele parece que sou invisível”. “Por favor, olha para mim, quando te falo”. “A minha mulher já não me olha, agora só tem olhos para os filhos”. “Em minha casa, não interessa a ninguém, nem sequer me vêem, é como se não existisse”. O amor abre os olhos e permite ver, mais além de tudo, quanto vale um ser humano» (Al 127-128). A*

alegria não é um elemento acessório que depende das condições de cada família em particular. É essencial na identidade da própria família. Quando a alegria está faltando, a família entra em crise ou se desampara. Precisamos de uma espiritualidade verdadeira e profunda porque «A alegria deste amor contemplativo deve ser cultivada. Uma vez que somos feitos para amar, sabemos que não há maior alegria do que partilhar um bem: “Dá e recebe, e alegra a tua vida” (Sir 14, 16). As alegrias mais intensas da vida surgem, quando se pode provocar a felicidade dos outros, numa antecipação do Céu. Vem a propósito recordar a cena feliz do filme *A festa de Babette*, quando a generosa cozinheira recebe um abraço agradecido e este elogio: “Como deliciarás os anjos!” É doce e consoladora a alegria de fazer as delícias dos outros, vê-los usufruir delas. Este júbilo, efeito do amor fraterno, não é o da vaidade de quem olha para si mesmo, mas o do amante que se compraz no bem do ser amado, que transborda para o outro e se torna fecundo nele» (Al 129). Somente dessa maneira é possível fazer o que a lógica humana acredita irrealizável, isto é «a alegria renova-se no sofrimento. Como dizia Santo Agostinho, “quanto mais grave foi o perigo no combate, tanto maior é o gozo no triunfo”. Depois de ter sofrido e lutado unidos, os cônjuges podem experimentar que valeu a pena, porque conseguiram algo de bom, aprenderam alguma coisa juntos ou podem apreciar melhor o que têm. Poucas alegrias humanas são tão profundas e festivas como quando duas pessoas que se amam conquistaram, conjuntamente, algo que lhes custou um grande esforço compartilhado» (Al 130).

## **Em Família**

### ***Para Refletir***

1. Todos são casados porque sentem uma grande alegria em relação ao amado do coração e porque desejam com ele obter o sonho de sua vida que é a felicidade. Porque tudo isso, que é sempre dado como certo, nem sempre é realizado?
2. A alegria do amor na vida conjugal e familiar é um ideal ou uma realidade? Qual é o ideal irreal ou qual é o real?

### ***Prática***

1. A questão não é encontrar alegria, mas educar a verdadeira alegria. Em que sentido devemos nos educar para a verdadeira alegria e como fazê-lo?

2. Por que a crise conjugal e familiar pode se tornar a fonte de uma grande alegria do amor?

### **Em Igreja**

#### ***Para Refletir***

1. Como o Papa Francisco afirma com frequência, a principal tarefa da Igreja é anunciar a *Evangelii gaudium*, porque só o Evangelho revela e dá alegria verdadeira ao coração do homem. Este anúncio nem sempre é evidente. Por quê?
2. Hoje, mais do que nunca, a ação pastoral da Igreja é impregnada de alegria. O que isso significa e como isso pode ser alcançado em nossas comunidades cristãs?

#### ***Prática***

1. Hoje, muitos jovens têm muito medo de se casar. Que contribuição pode a Igreja dar à redescoberta da alegria do amor consagrado no sacramento do matrimônio?
2. Quais propostas para que a Igreja possa ajudar as famílias a viver e experimentar a verdadeira alegria do amor?